



MÍSTICA E POESIA

Maria Clara Luchetti Bingemer

(PUC Rio)

Ceci Maria Costa Baptista Mariani

(PUC Camp)

Antonio Manzatto

(PUC SP)

Alex Villas Boas

(PUC PR)

Bernard MacGinn, a partir de seu importante estudo histórico, *The Presence of God: A History of Western Christian Mysticism*¹, vai definir a mística como consciência da presença divina. Esse autor vai propor um estudo amplo e abrangente sobre a mística cristã no ocidente que deverá considerar três tópicos: mística como parte ou elemento da religião, mística como um processo ou modo de vida e mística como uma tentativa de expressar uma consciência direta da presença de Deus.

A partir desses estudos de mística

1. A obra de Bernard McGinn dedicada à história e teologia da mística cristã ocidental foi publicada em quatro volumes. Os primeiros dois volumes já traduzidos em português e publicados no Brasil pela editora Paulus são dedicados ao primeiro grande período da mística cristã até o século XII, o terceiro volume compreende o período posterior até o século XVI de florescimento das “escolas” clássicas de mística. O último volume é sobre a crise da mística, os desafios internos e externos enfrentados do século XVI até os dias de hoje.

ocidental, esse autor vai entender que o elemento místico é a parte da crença ou práticas que diz respeito à preparação para a consciência da presença de Deus e à reação ante essa presença captada como presença direta, isto é, sem mediação. Os modos desse encontro têm sido compreendidos de múltiplas formas. É certo, porém, e sobre isso existe muita concordância entre os testemunhos e estudos, que a experiência mística desafia a conceitualização e a verbalização e só pode ser expressa recorrendo-se a estratégias verbais que não objetivem a informação, mas a condução do ouvinte ou do leitor a essa consciência da presença divina (MCGINN, 2012, p.18). Importante salientar, entretanto, que o modo dessa presença vivenciada e percebida nesse processo denominado místico, revela uma faceta importante da relação com o divino, a inefabilidade. Em função da incomensurabilidade entre o Sujeito Infinito e o sujeito finito, os místicos não se expressam usando uma linguagem positiva, mas buscam formas de expressão que indiquem a paradoxal e simultânea experiência de presença e ausência do divino (p.20).

Olhando para a história, podemos ver que a linguagem artística em geral, tem sido muitas vezes, arauto da profundidade. A criação artística, na medida em que provoca uma forte experiência estética, revela essa dimensão transcendente do real. Pode-se, portanto, afirmar a existência de uma relação entre mística e arte.

Alguns artistas expressam com clareza esse potencial que tem a arte, de tocar a dimensão transcendente da vida. O objetivo da arte, vai dizer Tarkovski, é explicar o significado da existência, é atuar na busca humana por um ideal percebido como um princípio fundamental que lhe é transcendente:

Uma descoberta artística ocorre cada vez como uma imagem nova e insubstituível do mundo, um hieróglifo de absoluta verdade. Ela surge como uma revelação, como um desejo transitório e apaixonado de apreender, intuitivamente e de uma só vez, *todas* as leis deste mundo – sua beleza e sua feiura, sua humanidade e sua crueldade, seu caráter infinito e suas limitações. O

artista expressa essas coisas criando a imagem, elemento *sui generis* para a detecção do absoluto. Através da imagem mantém-se uma consciência do infinito: o eterno dentro do finito, o espiritual no interior da matéria, a inexaurível forma dada. (TARKOVSKI, 1998, p.40)

A arte se refere à ânsia eterna e insaciável pelo espiritual, o infinito dentro do finito. Não se pode materializar o infinito. A ideia de infinito não pode ser expressada por palavras nem descrita, no entanto pode-se criar a imagem que é uma ilusão dele. “A imagem materializa uma unidade em que elementos múltiplos e diversos são contíguos e se interpenetram” (TARKOVSKI, 1998, p.41-42). A comunicação pela arte não se dá através de argumentos racionais, mas através da energia espiritual com que o artista impregnou a obra. O artista é um servidor. Ele deve, pela imagem, manter viva a consciência do infinito.

Não se pode negar que algumas obras de arte promovem o êxtase, isto é, provocam uma saída da realidade em sua dimensão mais imediata e conduzem para os sentidos mais essenciais que moram no silêncio infável da dimensão mais profunda, o Mistério Santo que fundamenta o real.

O silêncio na arte é como o silêncio na mística, condição para o mergulho em si mesmo. Para Amador Vega, em artigo intitulado *Experiencia mística y experiencia estética en la modernidad*, isso aparece atualmente, tanto na poesia quanto nas artes, pois observa-se uma forte tendência a uma estética apofática, a uma forma de expressão que resulta de um mergulho abismal na profundidade, no vazio. Tendência que converge com o coração da mística, expressa tão brilhantemente pela mística renana quando toca o tema do aniquilamento. O esgotamento das linguagens representacionais e em consequência, as crises de significação, explicam essa radical experiência do vazio.

El carácter ascético de los lenguajes de abstracción, pero también de aquellos que, aun siendo figurativos, quieren conjurar el carácter meramente ilustrativo de la representación, muestra la necesidad del artista por de-

sarrollar una teoría de los sentidos espirituales y contar con una antropología que pueda clarificar la situación de la creación artística respecto de un mundo en el que el horizonte de lo divino ha sido sustituido por las huellas de lo sagrado. (...) En su capacidad de comprensión del misterio que ha de ser revelado en el tempo y en la historia, los lenguajes plásticos, en su rito de construcción y destrucción de mundos, se arriesgan a descender al fondo para dar nacimiento a la forma sin forma, aun cuando la aniquilación alcance también las biografías se sus protagonistas sin habernos dado cuenta de lo que Juan de la Cruz llamó "la noche del sentido". (VEGA, In: VELASCO, 2004, p.263-264)

A poesia, tem-se constatado, torna possível dar expressão à experiência mística que se encontra fora dos limites da linguagem. Pela centralidade ocupada pelo símbolo, a linguagem poética tem grande afinidade com a linguagem mística. O símbolo será o recurso de linguagem utilizado para traduzir a inefável experiência do Mistério.

O símbolo é a palavra fundamental da experiência mística em que se revela e realiza a relação com essa Presença não objetiva que habita a profundidade e possibilita ser. Nem todo símbolo, entretanto, se refere a essa profundidade, mas os que surgem de um impulso vital, sem nenhuma mediação, porém verbalizado com a ajuda da tradição (religiosa ou não) e do contexto, forjado com materiais da vida e suas circunstâncias. (VELASCO, 2009, p.62-63). Pela centralidade ocupada pelo símbolo, a linguagem mística tem afinidade com a linguagem poética.

Parece-nos que as palavras do poeta, pastor e professor de teologia Amos Wilder – citadas no Prefácio a sua obra *Grace confounding; Poems* (WILDER 1972),² são adequadas para fundamentar o que acima é dito. Diz Wilder: *Before the message there must be the vision/ Before the sermon the hymn,/ Before the prose the poem.*³ Wilder deseja aí sublinhar a importância de recuperar o simbólico, o imaginativo, o afetivo,

2. Amos Wilder, *Grace confounding; Poems*, Philadelphia, Fortress Press, 1972, p ix: Foreword

3. *Antes da mensagem deve haver a visão, antes do sermão, o hino, antes da prosa, o poema*

ou seja, tudo que não é estritamente racional para que a teologia hoje ainda possa dizer algo aos seres humanos em sua sede de Deus. Assim fazendo pretendem igualmente resgatar uma experiência do mistério divino que a todo instante se aproxima de suas vidas propondo vida plena e amorosa comunhão.

Não estará com isso a teologia inventando nada novo. Desde o início do Cristianismo, assim aconteceu. A liturgia sempre precedeu a formulação e a elaboração das verdades da fé. E as manifestações estéticas tais como a narrativa, a imagem, os cânticos, os desenhos sempre andaram lado a lado ou integrados com as profissões e manifestações da fé.

Assim o símbolo, o canto, a arte, a poesia não são acessórios na vida cristã, mas a fundação mesma da identidade desta. A estética, a beleza, a gratuidade atrai para a Beleza maior e infinita d' Aquele que é o centro da vida. Em nosso caso, da religião e da liturgia, certamente, mas também e não menos da poesia, da arte, da literatura, da música e de todas as outras formas estéticas que a humanidade inventou em sua história de muitos milhares e mesmo milhões de anos.

Os desenhos e pinturas nas paredes das cavernas dos grupos humanos primitivos, os primeiros rabiscos, os fragmentos encontrados em diversos pontos do planeta dão testemunho desta primordialidade da imaginação e do sopro criador que faz a humanidade caminhar em direção a sua vocação que, em termos bíblicos, é ser um corpo animado pelo espírito divino.

Uma das características do ser humano, uma das “constantes” que aparece em sua identidade constitutiva é este dom de passar além do sensorial e aceder ao espiritual. Aqui entendemos por “espiritual” tudo aquilo que direta ou indiretamente se encontra conectado com o espírito, com aquela dimensão humana que passa além dos cinco sentidos. Está incluída aí a estética sob as suas diversas formas. E também a religião.

Sendo uma das experiências mais antigas da humanidade, a religião organiza a relação com a Transcendência, que batiza os sentidos de

maneira que, tocando o universo, o ser humano possa perceber que o segredo escondido nele e para além dele, é um Mistério.

Para falar deste mistério, há que passar pela linguagem conceitual, mas não necessariamente deter-se indefinidamente nela. E as tradições teológicas ocidentais e orientais, os místicos e profetas de todos os tempos dizem que há mais possibilidades, sempre abertas, de propor o discurso teológico. “Há maneiras de falar de Deus mais poéticas, evocativas, empatizantes, performativas, implicantes, esperanças... que movem mais o leitor que a simples “passividade” assimilativa...” (GRACIO DAS NEVES, 1994)

Há, portanto, momentos e situações em que para entrar em contato com o Mistério que o habita sob a forma de desejo e sede, o ser humano recorre a linguagem poética para fazê-lo. A teologia latino-americana seguiu de perto este caminho e por isso pode ser compreendida e interpretada a partir da teopoética jesuânica. Se é verdade que uma boa parte de seu conteúdo é conceitual, explicativo, rigoroso, não menos é verdade que seus autores utilizaram diversos gêneros literários como cânticos, hinos, conversas, histórias, imagens, compondo uma teopoética da libertação para dizer sua fé, sua espiritualidade, sua teologia. Mais: ao lado dos autores mais especulativos dessa teologia⁴ existem igualmente outros autores que se detiveram mais na religiosidade popular e no imaginário do povo simples e pobre e a partir dali elaboraram sua teologia.

Importa, porém, não apenas recorrer a textos, canções, obras de arte explicitamente religiosas. Mas também e não menos, lançar mão de autores e obras que não atuam no campo da teologia, mas sim na arte, na literatura, no cinema, na imagem entendidos em seu sentido secular. Em sua arte e poética têm em comum com a teologia a sede de sentido para a vida, a sede de justiça, liberdade e vida plena e a fé na humanidade.

4. Pensamos aqui em Gustavo Gutierrez, Jon Sobrino, Clodovis Boff, Leonardo Boff, Frei Betto etc.

Ciente desta afinidade profunda entre teologia e literatura que um grupo de pesquisadores latino-americanos de ambas as áreas constituíram uma associação onde pudessem dialogar entre si e tomar conhecimento das pesquisas que uns e outros realizavam. Esta associação é a ALALITE, que no ano de 2018 realizou seu VII Congresso no Rio de Janeiro, na Pontifícia Universidade Católica. Deste encontro e debatedores do tema, brotou a ideia desta edição da Teoliterária.